

◆ Anne Frank ◆



Segunda-feira à noite, 8 de novembro de 1943

Querida Kitty,

Vejo-nos aos oito, aqui no anexo, como se fôssemos um pedaço de céu azul rodeado por ameaçadoras nuvens negras. O local perfeitamente circular onde nos encontramos ainda é seguro, mas as nuvens estão a avançar sobre nós, e o anel que nos separa do perigo que se aproxima é cada vez mais estreito. Estamos rodeados por escuridão e perigo e, na nossa busca desesperada de uma saída, vamos constantemente de encontro uns aos outros. Olhamos para a guerra por baixo de nós e para a paz e beleza por cima. Entretanto, fomos isolados pela massa escura de nuvens e não podemos subir nem descer. Esta ergue-se à nossa frente como uma parede impenetrável, tentando esmagar-nos, mas ainda sem o conseguir. Posso apenas gritar e implorar:

– Oh, anel, anel, abre-te e deixa-nos sair!

*Tua, Anne**

** Diário de Anne Frank*

(Lisboa, Livros do Brasil, 2004, p.199)

* * * *



A história de Anne Frank começa por nos apresentar uma menina como as outras – alguém que tu podias encontrar a teu lado, na sala de aulas.

Anne tinha uns olhos largos, expressivos, e cabelos escuros e encaracolados.

Em geral, sentia-se como quem está no melhor dos mundos. Mas, por vezes, tinha medo. E havia uma razão, bem forte, para tal: Adolf Hitler governava a Alemanha naquela época e tinha jurado que iria acabar com os Judeus.

Ora, Anne Frank era judia, de origem alemã.

*

Anne Frank nasceu na Alemanha, na cidade de Francoforte – Frankfurt, em alemão –, a 12 de junho de 1929. Muito pequena, já queria falar com todos. Era uma menina extrovertida mas, como ainda não podia falar, chorava muito. No entanto, se Margot, a irmã, lhe lançava um olhar quando estava no berço, então Anne ria-se muito.

Em bebé, Anne tinha cabelo escuro e orelhas espetadas como as de um duende.

A família de Anne Frank era abastada pois o pai tinha uma pequena empresa. Mas, para muita gente, na Alemanha dessa época (desde que os nazis tinham chagado ao poder, em janeiro de 1933), a vida era muito difícil.

Quando a Primeira Guerra Mundial acabou, em 1918, a Alemanha foi acusada de ter sido responsável por essa terrível guerra e foi obrigada a pagar uma enorme indenização para compensar as destruições e as mortes que causara. Foi um castigo violento e, dez anos depois de ter sido restabelecida a paz, o país encontrava-se numa situação de extrema pobreza. Muitos alemães não tinham emprego e muita gente passava fome. Porém, antes da guerra, a Alemanha era um país rico e poderoso.

Deste modo, os Alemães sentiam-se cada vez mais revoltados e infelizes. E muitos deles pensavam que alguém tinha a culpa de tudo isso...

Foi então que tudo começou a mudar, em especial e de modo assustador, para os Judeus.



Havia um homem que se tornara muito conhecido. Chamava-se Hitler, era baixo, muito rígido e usava um pequeno bigode. Falava muito e fazia grandes promessas. Conseguia reunir multidões à sua volta, em especial pessoas sem emprego e sem esperança. Portanto, não era de admirar que elas o aplaudissem,

quando ele prometia tornar a Alemanha novamente rica e forte.

Hitler odiava os Judeus e não se preocupava com as enormes mentiras que dizia acerca deles. Quem é que era responsável por todos os males que afligiam a Alemanha? Hitler tinha a resposta: acusava os Judeus. Eram eles que arranjavam os melhores empregos, que tiravam o pão da boca dos trabalhadores, e isso não era justo, porque os Alemães eram especiais. Eram a melhor raça do mundo!

Assim, aparecia cada vez mais gente a escutar os seus discursos e a votar pelo partido de Hitler – o Partido Nazi. A princípio, a ameaça não parecia grande, apenas uma faísca. Mas essa faísca iria transformar-se numa chama e essa chama num incêndio. E este incêndio, antes de ser extinto, iria consumir quase toda a Europa.

Havia muitas maneiras de fazer sentir aos Judeus que eram indesejáveis, e de os aterrorizar, mesmo quando eram ainda muito novos. Na escola, as crianças começavam a perceber o que era ser judeu. Algumas crianças faziam troça dos colegas judeus e até os perseguiram. Era muito duro para uma criança de origem judaica ser alvo da agressividade física ou verbal de colegas que deixaram de ser seus amigos. E não tardou que os alunos judeus tivessem de ficar sentados à parte, na sala de aulas.

Mas era pior no mundo dos adultos. As pessoas deixaram de falar aos vizinhos judeus. As lojas que pertenciam a judeus eram saqueadas. E qualquer judeu podia ser hostilizado e até agredido na rua por jovens ou adultos vestidos com a farda das «tropas de assalto» nazis – como lhes



chamava o próprio Hitler. E se algum judeu tentava defender-se, era logo escorraçado.

No início, os Judeus ficaram desorientados com todo este ódio. Mas, em breve, ficaram amedrontados e muitos abandonaram a Alemanha. O pai de Anne, o Sr. Frank, estava preocupado com a família. Foi assim que conseguiu arranjar trabalho na Holanda, na cidade de Amesterdão, onde alugou uma casa, não muito cara, para todos.

Durante a mudança para Amesterdão, Anne ficou com a avó. Acabou por se juntar à família, no dia em que a irmã, Margot, fez oito anos. Que surpresa! Lá estava a pequena Anne: parecia um gnomo encarrapitado nos presentes da Margot!



A casa onde vivia a família Frank tinha um jardim. Todas as crianças do quarteirão brincavam lá, quando o tempo estava bom: faziam o pino, escondiam-se

atrás dos arbustos, patinavam e saltavam à corda ao longo do passeio. Quando estavam na rua e queriam chamar os amigos, não batiam às portas nem tocavam às campainhas. Assobiavam, de um modo especial – só Anne é que não conseguia assobiar. Por isso, tinha de cantar.

Numa manhã invernosa, levaram-na ao escritório do pai, onde ficou a conhecer a Sr.^a Miep, que trabalhava lá. Miep ajudou Anne a tirar o casaco branco e deu-lhe um copo de leite. E ensinou-a a escrever à máquina. Anne era exatamente o tipo de menina inteligente que a própria Miep gostava de ter tido como filha! E nem imaginava que, um dia, iria ficar entre a vida e a morte por causa da família Frank...

Anne e Margot foram para escolas diferentes. Enquanto Margot era uma aluna muito aplicada, Anne era mais irrequieta: preferia contar anedotas e fazer caretas, de tal maneira que toda a gente, incluindo os próprios professores, desatavam a rir.

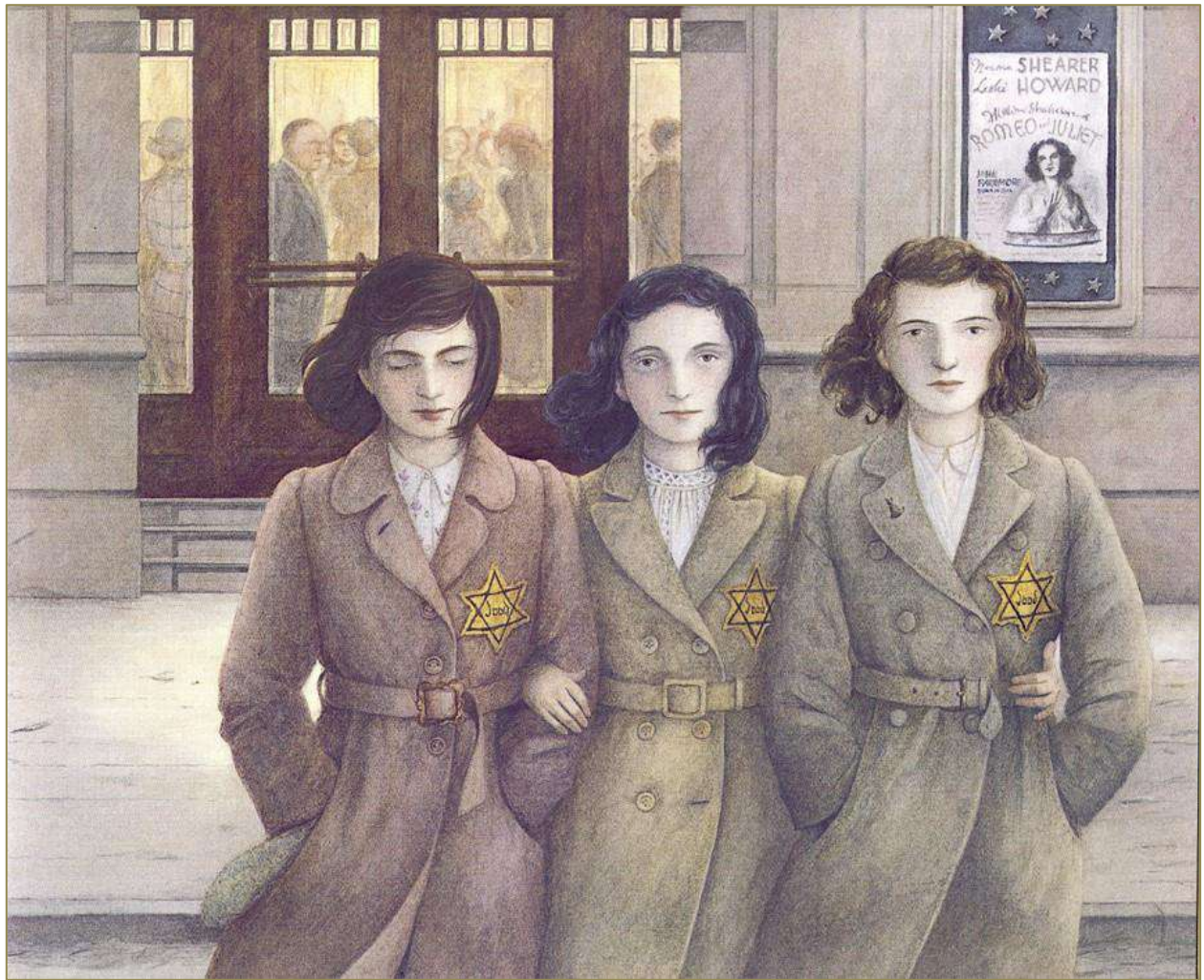
Os amigos das duas irmãs adoravam regressar a casa com elas, porque a Sr.^a Frank preparava sempre merendas deliciosas. Mas, quando se juntava à festa, o Sr. Frank tornava-se o centro da atenção. Tinha sempre uma história engraçada para contar ou então mostrava um jogo que acabara de inventar. Era adorado por todas as crianças!

Todavia, ninguém conseguia esquecer-se da campanha de ódio lançada por Hitler contra os Judeus. Nesta época, muitos judeus alemães já tinham fugido para Amesterdão, e o Sr. e a Sr.^a Frank escutavam, com ansiedade, as terríveis histórias que eles tinham para contar: impiedosas intimidações, campos de concentração onde aprisionavam as pessoas, sem haver qualquer justificação, e trabalho obrigatório e gratuito para os nazis.

Mas agora os poderosos exércitos de Hitler estavam em marcha.

A Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha nazi. No entanto, as tropas alemãs continuavam a arrasar tudo. E, pouco tempo depois, os próprios Holandeses assistiam, impotentes, à entrada de soldados alemães em Amesterdão.

Uma vez mais, os Judeus eram perseguidos implacavelmente e os Holandeses depressa aprenderam que era perigoso fazer algo em sua defesa.



Todo o judeu com mais de seis anos era obrigado a usar uma estrela amarela com a palavra *Jood* (*Judeu*, em holandês). Até as crianças podiam ser impedidas de entrar em lugares públicos, como os parques, os cinemas e as piscinas.

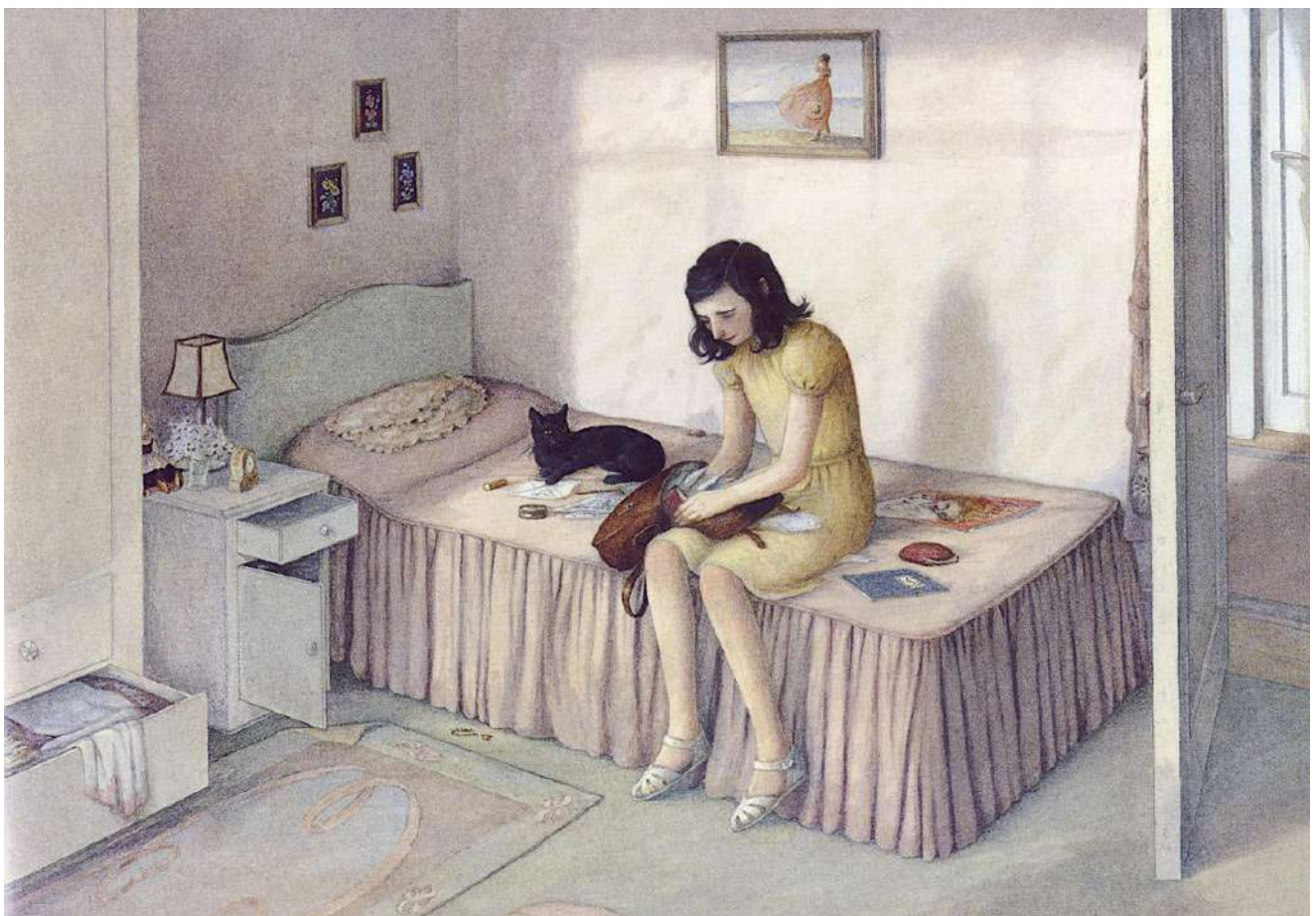
Anne gostava muito de ir ao cinema. Mas já não a deixavam entrar. E não era fácil continuar a coleccionar bilhetes-postais e recortes de jornais e revistas com as suas «estrelas» preferidas. Infelizmente, já era demasiado tarde para fugir para outro país...

O Sr. Frank trabalhava num prédio, alto e já velho, perto de um dos canais de Amesterdão. No último andar, na parte das traseiras, havia algumas assoalhadas vazias. Pouco a pouco, secretamente, o Sr. Frank foi mudando para lá alguma mobília e alimentos, preparando assim um anexo que também tinha lavatório e sanita. Se os nazis descobrissem o esconderijo, a família Frank e os corajosos amigos holandeses que os ajudavam teriam um trágico fim.

Mas tudo tinha corrido bem, e tudo já estava preparado para uma emergência, que não tardou.

Margot já tinha dezasseis anos. Num dia do Verão de 1942, recebeu uma carta com ordem de se apresentar no serviço de trabalho obrigatório – o que queria dizer que tinha de ir trabalhar para os Alemães. Provavelmente, a sua família nunca mais a veria.

Assim, todos tinham de desaparecer, o mais depressa possível. Os pais disseram às filhas que podiam meter nas malas alguns «tesouros» pessoais que não quisessem abandonar. Com o coração a bater, Anne atafulhou a sacola com os seus objectos mais «preciosos»: livros da escola, cartas, um pente, rolinhos para o cabelo e, acima de tudo, o diário que lhe ofereceram no dia de anos. Comprimiu tudo com as mãos a tremerem e gestos desajeitados.



No dia seguinte, de manhã cedo, esforçou-se por vestir alguns casacos sem mangas e umas calças, uns pares de meias, um vestido, uma saia, um colete, um impermeável, uns sapatos resistentes, um gorro e um cachecol. Era esta a única

maneira de transportar roupa. Qualquer judeu, de mala na mão, tornar-se-ia logo suspeito.



Saíram de casa, deixando as camas em desordem e os pratos sujos no lava-louça. E também um pedaço de papel com o sarrabisco de uma morada falsa, para enganar os vizinhos. Anne teve de despedir-se do Moortje – o gato que ela adorava. Chorou amargamente, pois não sabia se voltariam a encontrar-se.

Miep estava à espera deles, no escritório do Sr. Frank. Rapidamente, mas em silêncio, seguiram-na através de um corredor estreito que conduzia a uma escada de madeira, por onde se chegava ao sótão – o anexo secreto.

Espantada, Anne olhou à volta. O pai tinha organizado tudo, tinha pensado em tudo, sem nunca dizer uma palavra que fosse! Mas que grande confusão! Caixas e caixotes, pilhas e montes de coisas! A Sr.^a Frank e Margot sentiram-se incapazes de fazer o que quer que fosse: estavam simplesmente aterradas e excitadas. Portanto, foram Anne e o pai que tiveram de pôr tudo em ordem.

Desde então, dia após dia, semana após semana, ninguém podia fazer ruído durante as horas de trabalho no prédio.

Tinham de permanecer calados como ratos. Não podiam sequer abrir uma torneira ou puxar o autoclismo, pois corriam o risco de serem localizados e denunciados à polícia. Esperavam, com grande ansiedade, pela chegada de Miep, logo após a saída dos empregados da empresa. Ela aparecia sempre com um ar alegre e trazia papel e livros para os ajudar a passar o tempo. E também trazia as notícias do dia, além de pequenas compras.

Ter de ficar calada todo o dia – isso é que era quase insuportável para alguém como Anne Frank!

O relógio da igreja vizinha dava-lhe algum alento, pois batia as horas a cada quarto de hora, lembrando-lhe que ainda havia lá fora um mundo em que as crianças iam à escola, brincavam umas com as outras e não ficavam aterrorizadas com o medo de serem vistas ou ouvidas.



Juntou-se a eles um outro casal mais o respectivo filho, Peter. Passaram a ser sete as pessoas a viverem, escondidas, num anexo tão acanhado. Não era de admirar que as pessoas se enervassem umas com as outras! (E ainda veio uma oitava pessoa – o Dr. Dussel, dentista!)

Anne era a mais nova e quem mais sofria com a situação. Era inteligente, imaginativa e inquieta, e o seu crescimento não estava a ser fácil. Achava que era culpada de tudo o que corria mal, e que ninguém criticava Margot... Amava o pai, mais do que qualquer outra pessoa, mas até ele, por vezes, a criticava – coisa que ela não conseguia suportar. Às vezes, de noite, quando já estava deitada, chegava a chorar.

Precisava desesperadamente de alguém com quem pudesse falar, de alguém que a compreendesse. Não a irmã, nem sequer Peter, que era preguiçoso e mimado – no princípio, Anne não gostava nada dele. Voltou-se então para o seu diário, no qual escrevia cartas à *Querida Kitty*, uma rapariga que tinha conhecido há já muito tempo. Agora, escrevia no diário até os seus pensamentos mais íntimos, porque a verdadeira Kitty jamais iria lê-los. Assim, não precisava de inventar histórias. E aquele pequeno livro era o mais secreto de todos os segredos!

Anne descrevia nele a vida no anexo, as discussões e os dramas. Escrevia também acerca do seu amor pela natureza – que, para ela, era apenas uma nesga de céu e o topo do castanheiro que via através da janela do sótão. Além de escrever acerca do terror e do medo que provocavam neles tanto pânico...

Mas, com o tempo, os seus sentimentos em relação a Peter mudaram. Começou a compreendê-lo. E, à medida que passaram a gostar um do outro, Anne ia escrevendo também sobre amor e esperança.

Quando o diário chegou à última página, Miep trouxe-lhe mais papel.

Todas as noites, os habitantes do anexo desciam, com o máximo cuidado, até ao velho escritório do Sr. Frank para ouvirem a rádio. Às vezes, Anne aproximava-se da janela e espreitava, por entre as cortinas. Era estranho ver assim as pessoas na rua, como se ela fosse invisível e estivesse vestida com um manto de conto de fadas. As pessoas pareciam apressadas, preocupadas e mal vestidas. Silenciosa, Anne – ela própria vestida como se fosse um espantalho – sentia que nada podia fazer em relação a toda aquela realidade.

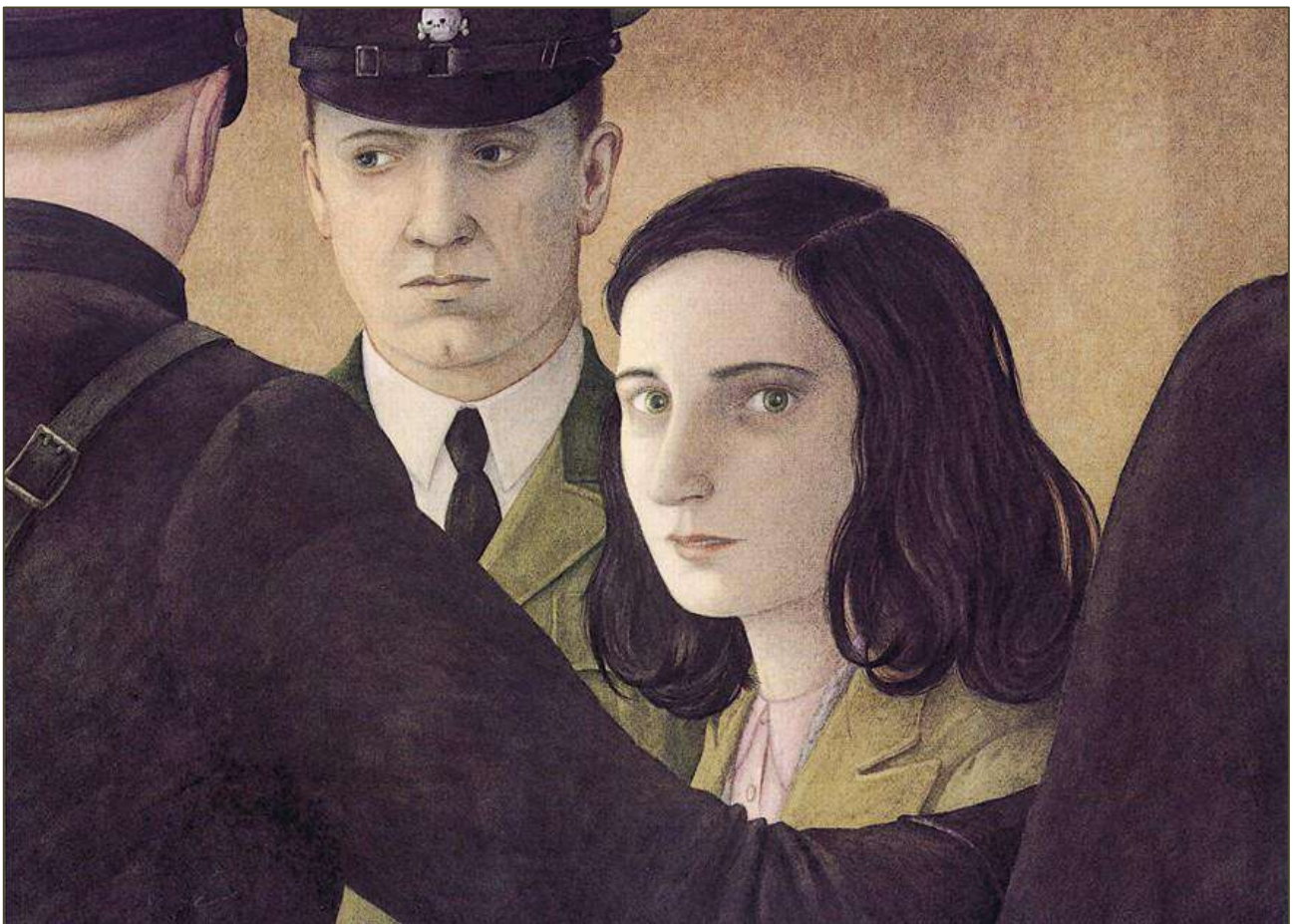
A Alemanha estava a perder a guerra. De noite, passavam lá no alto muitos bombardeiros britânicos e americanos que iam destruir as cidades alemãs. O céu escuro da noite vibrava com o lúgubre rugido que eles faziam. Se o anexo fosse bombardeado, todos morreriam.

Nessa época, Anne estava – quase – apaixonada. Sentia-se feliz quando se sentava ao lado de Peter no sótão e sentia o conforto do braço dele a envolver-lhe os ombros. Falavam então daquilo que iriam fazer, depois da guerra... Noutras ocasiões, permaneciam sentados, em silêncio, enquanto o tempo ia passando, até

chegar o amanhecer. Era uma ternura cheia de suavidade, mas também de fragilidade – tal como as flores do castanheiro, do outro lado da janela.

Agora que a guerra estava quase a acabar, talvez as pessoas do anexo já não fossem tão cuidadosas como antes... e, um dia, alguém se apercebeu de que havia gente escondida naquela casa, alguém que foi a correr fazer a denúncia às autoridades alemãs que ainda ocupavam a Holanda e pagavam uma recompensa a quem denunciasse judeus.

E foi assim que o pesadelo começou.



De repente, ouve-se o estrondo de portas que rebentam, de coisas estilhaçadas, desfeitas. Há ruído de botas nas escadas, sobem homens fardados, rudes, de pistola na mão. As pessoas do anexo não tinham para onde fugir, não havia qualquer outra hipótese de esconderijo.

De repente, o horror para todos os que ali tinham estado encerrados durante mais de dois anos!

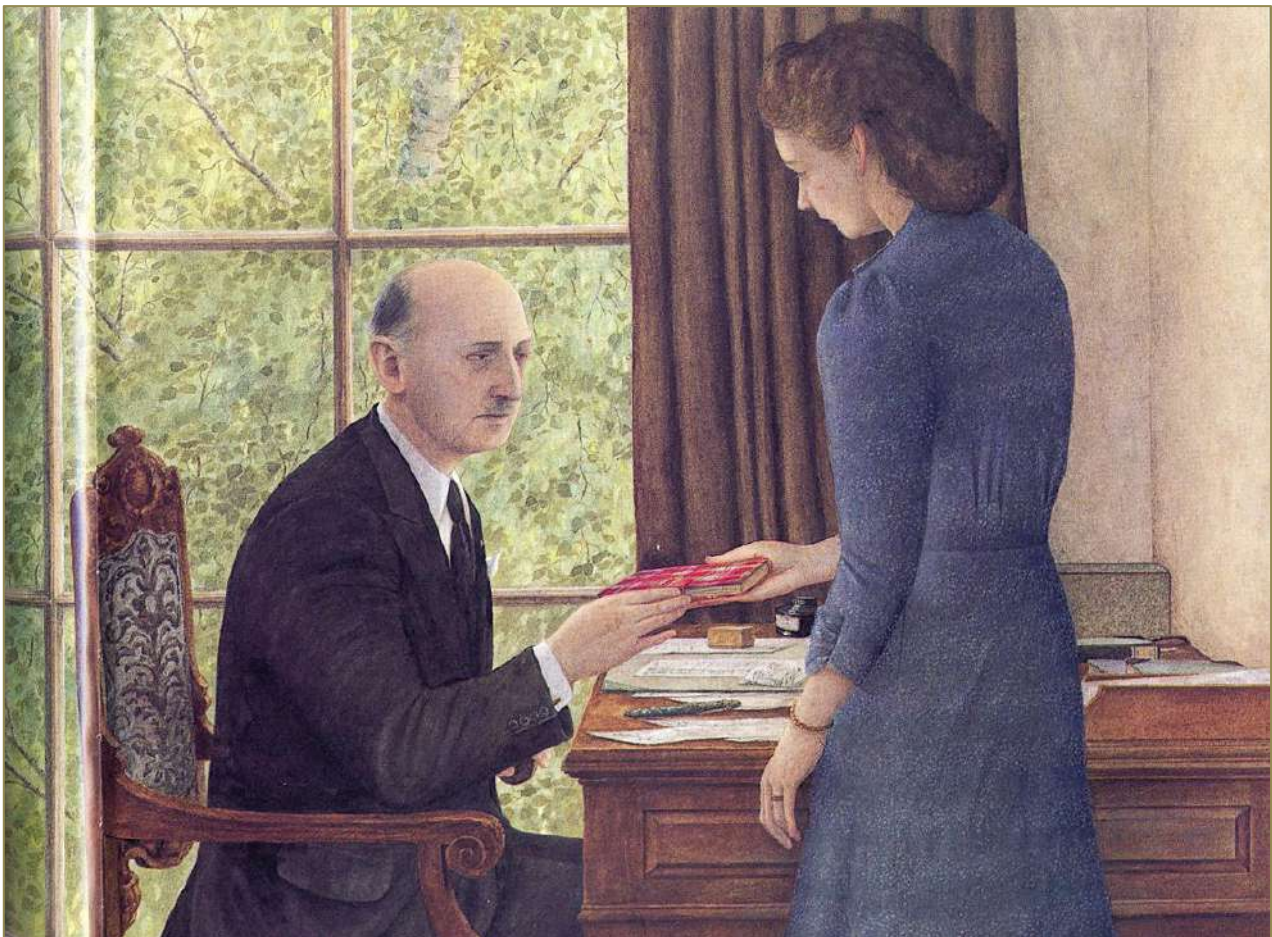
Foi a 4 de agosto de 1944. Os oito clandestinos foram presos. O anexo foi assaltado e saqueado.

Quando Miep subiu as escadas, nesse terrível entardecer, tudo era um autêntico caos. Como o diário de Anne estava espalhado pelo chão, Miep recolheu e juntou as páginas todas e escondeu o diário numa gaveta, na quase impossível esperança de que aquela família de judeus um dia voltasse.

Mas, de todos, o Sr. Frank foi o único que de facto voltou, no fim da guerra. Tinha sido separado da mulher e das filhas. Sabia que a mulher tinha morrido e rezava para ter boas notícias de Anne e Margot.

Infelizmente, ambas tinham morrido, de tifo, num campo de concentração alemão. Quando chegou a má notícia, o Sr. Frank foi ao escritório e sentou-se à sua secretária. Sentia-se absolutamente só. Já nada lhe restava na vida.

Mas Miep lembrava-se do diário. Encontrou-o e entregou-o ao Sr. Frank, dizendo:



– Isto é para si! Era da sua filha Anne!

Anne Frank era apenas uma menina, mas a sua vida, tão curta, tinha chegado ao fim.

Mas a sua história mal tinha começado.

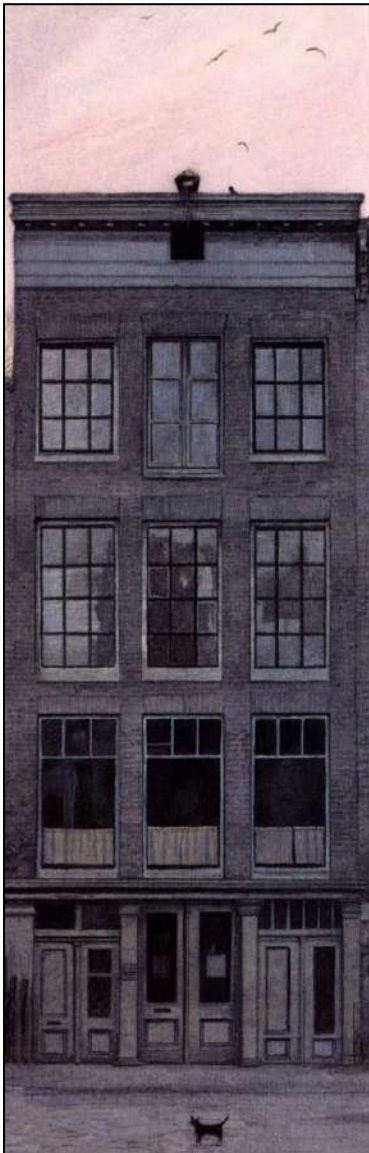
* *

O que aconteceu, depois da guerra, ao diário de Anne Frank?

Otto Frank foi incentivado, por alguns amigos, a publicar o diário da filha. A primeira edição, de 1500 exemplares apenas, foi publicada, em Amesterdão e em holandês, pela editora Contact, em 1947. A primeira tradução saiu na Alemanha em 1950. O livro foi traduzido para mais de sessenta línguas, atingindo assim uma cobertura mundial - mais de 25 milhões de exemplares vendidos. Teve uma adaptação teatral em 1955 e uma primeira adaptação cinematográfica em 1959.

A casa em que Anne Frank viveu escondida durante mais de dois anos foi transformada em museu e como tal abriu ao público em 1960. É lá que o diário está exposto, em permanência. Esta casa-museu, conhecida pelo seu nome inglês de Anne Frank House, recebe cerca de um milhão de visitantes por ano.

Pode ser visitada todos os dias - a entrada faz-se pelo nº 267 da rua Prinsengracht, em Amesterdão.



* *

Josephine Poole; Angela Barret (il.)
Anne Frank
Lisboa, Terramar, 2005
(Adaptação)